

# **Ditos e Escritos**

**DOSSIÊ 2026.1**

**Organizado por:**

**Angela Coutinho, Fabiola Motta e Lucia Bianchini**

**Ditos e Escritos de: Angela F. da Silva Moreira – Beatriz da Luz – Cecilia  
Lugon - Claudia Silveira - Ednéa Marques – Fabiola Motta – Jansen  
Sarmiento – Katia Cristina Vital Brazil**

**Rio de Janeiro, 2026**

**©2026 Sociedade de Psicanálise Iracy Doyle – SPID**

**Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida de nenhuma forma ou por nenhum meio sem a permissão expressa da SPID ou dos autores colaboradores.**

## **Sumário**

### **Apresentação**

#### **1. O semestre 2026.1**

#### **2. O Ditos e Escritos 2026.1 por...**

**Angela F. da Silva Moreira**

**Beatriz da Luz**

**Cecilia Lugon**

**Claudia Silveira**

**Ednéa Marques**

**Fabiola Motta**

**Jansen Sarmento**

**Katia Cristina Vital Brazil**

#### **3. Perspectivas para 2026.2 – Celebrando Horus Vital Brazil**

### **Anexo**

## **Apresentação**

Finalizamos mais um semestre de importantes trocas. No ano que homenageia Horus Vital Brazil, não somente os membros do seminário Ditos e Escritos, mas a SPID em geral, está tendo a grande oportunidade de conhecer mais de perto a história e a densidade produtiva de um de seus fundadores e idealizadores.

De suas propostas para uma SPID de futuro, não havendo dogmas, no entanto, havendo quase que uma filosofia fundamental, perpetua-se, de suas concepções, a ideia central, ou quase um lema institucional, do pluralismo teórico. Podemos dizer, sem dúvidas, que isso vem consolidando nossa casa de estudo, ao longo de seus 70 anos, como um espaço de construção contínua. Assim como Freud vislumbrou o futuro da psicanálise em seus momentos finais de jornada.

Agora que estamos entrando no segundo semestre, somam-se três marcos importantes. Ocorre a celebração de três centenários: o de Horus Vital Brazil, que terá uma jornada prevista para novembro de 2026, com uma carinhosa coordenação que inclui membros que tiveram contato direto com ele, o de Michel Foucault, um dos pensadores mais importantes do século XX e que mudou a forma de entendermos o saber, o poder e a nossa própria liberdade, e, por fim, os cem anos da publicação de *Inibição, sintoma e angústia*, texto marcante da segunda tópica freudiana e que, segundo alguns biógrafos de Freud, veio a público no outono de 1926 em Viena (estação que corresponde ao segundo semestre no Brasil), tendo sido, por isso, o tema da aula inaugural de abertura das atividades da segunda metade do ano da SPID.

Finalizamos, portanto, o primeiro trecho de uma enriquecedora caminhada, enquanto isso, vamos rememorando aqui o que ficou e reverberou deste percurso inicial.

## **1. O Semestre 2026.1**

O *Ditos e Escritos 2026.1* foi realizado entre 6 de março e 10 de julho de 2026 e coordenado de forma exclusiva por Angela Coutinho, psicanalista e membro titular da SPID, à frente deste seminário há alguns anos.

Os seminários tiveram frequência semanal, às sextas-feiras, no horário das 16h15 às 17h45. Seu formato foi híbrido para o primeiro encontro e transmitido de maneira síncrona via plataforma do Zoom, nas reuniões subsequentes.

### **Abertura e apresentação da proposta do seminário**

Angela iniciou o semestre dando boas-vindas ao grupo e apresentando brevemente a história do seminário *Ditos e Escritos*. Recordou que o seminário existe desde antes da pandemia de 2020 e que, inicialmente, acontecia apenas de maneira presencial. Naquele período, os estudos eram mais concentrados em autores previamente definidos, como Foucault e Lacan. O título do seminário foi inspirado numa coletânea de Foucault, *Ditos e Escritos*.

Com o passar do tempo, o funcionamento do grupo foi se transformando. Passou-se a levar em consideração o que cada participante estava disposto ou interessado em trabalhar, organizando os encontros em torno dos temas trazidos pelo grupo, de sugestões de artigos e das questões surgidas durante as leituras.

Angela destacou que o segundo semestre de 2025 representou um momento importante para o *Ditos e Escritos*, pois, pela primeira vez, o

seminário resultou em uma produção escrita coletiva. Essa produção foi organizada sob a forma de um dossiê do Ditos e Escritos, atualmente disponível no site da SPID, na área destinada às publicações e às produções realizadas no âmbito dos seminários.

A coordenadora explicou que o dossiê reúne textos de diferentes extensões. Alguns participantes escreveram apenas algumas linhas, enquanto outros desenvolveram reflexões mais longas. Angela fez questão de ressaltar que o valor dessas produções não depende do tamanho, pois cada texto corresponde ao “tamanho da inquietação” de quem o escreveu naquele momento. Nesse sentido, não há nenhuma condição prévia para quem deseja contribuir para o dossiê.

### **A escrita como dimensão ética da formação**

Sobre a escrita de cada um, Angela retomou uma orientação que costuma apresentar no início de cada semestre: a importância de os participantes refletirem a partir da afetação de cada um, frente ao seminário.

A contribuição dos interessados não deveria, portanto, se limitar à exposição de conteúdos referentes ao que foi visto nas aulas. Era necessário que cada pessoa continuasse pensando, produzindo respostas, formulando questões/críticas e registrando aquilo que fosse despertado pelos textos e pelas discussões.

Para Angela, essa elaboração constitui uma questão ética da formação, em que, mais importante do que publicar em uma revista ou produzir um texto formal, seria conseguir retirar alguma coisa inédita da experiência de um estudo. Esses registros deveriam ser compostos por aquilo que tocou o

participante, aquilo com que ele concordou ou discordou, bem como as passagens consideradas confusas, problemáticas ou férteis.

A título de um convite, aberto à adesão dentro da possibilidade de cada um, Angela sugeriu que no último encontro do semestre, o grupo reunisse as produções realizadas ao longo do percurso de 2026.1. E como não seria possível o exame profundo de cada trabalho neste único dia, ela dispôs a intenção de que fosse redigido um novo dossiê, dando continuidade à experiência iniciada no semestre anterior.

### **Ditos e Escritos no centenário de Horus Vital Brazil**

Como exposto no final do semestre anterior, o eixo central do Ditos e Escritos 2026.1, veio a ser o centenário de Horus Vital Brazil. Angela explicou que a data abria muitas possibilidades de estudo, pesquisa e produção. Entre os quais, um projeto especialmente conduzido por Liana Brazil, filha de Horus, em parceria com um amigo cineasta e documentarista.

Tal projeto consistiu na realização de um documentário sobre o homenageado, reunindo depoimentos de pessoas que fizeram análise com ele, estudaram ou conviveram com ele. A ideia do documentário, segundo Angela, é além de homenagear, ampliar o acesso ao conhecimento dessa figura tão importante para a história brasileira da Psicanálise, trazendo outras perspectivas sobre sua presença e empenho institucional e seus efeitos na vida das pessoas.

Abrindo o caminho desse projeto, na aula inaugural geral do semestre da SPID, realizada na semana anterior ao início dos seminários, foi apresentado uma entrevista com o próprio Horus, feita pelo canal de notícias Globonews,

abordando seu pensamento, sua trajetória teórica, sua vida profissional e aspectos de sua vida familiar. Reiterando a entrevista apresentada, alguns convidados, também puderam falar sobre suas experiências, seus afetos e a convivência que tiveram com ele.

### **Reunião dos artigos de Horus na *Tempo Psicanalítico***

Outro projeto em paralelo que Angela mencionou foi um trabalho que vem sendo realizado com a ajuda do Paulo. Essa proposta foi localizar e digitalizar os artigos de Horus publicados na revista *Tempo Psicanalítico*, bem como artigos inéditos fornecidos por sua filha, Liana Navarro Vital Brazil.

Horus foi o primeiro editor-chefe da revista, cujo primeiro número foi situado em 1978.

A digitalização desses trabalhos permitirá reunir textos dispersos e facilitar o estudo de sua obra. Angela contou que muitas vezes se lembrava de uma contribuição de Horus, mas não conseguia localizar em qual número da *Tempo Psicanalítico* ela estava.

A catalogação em acervo digital e também impresso a ser publicada num número especial da revista vai facilitar a pesquisa acerca do legado de Horus.

### **Horus e o dever ético de se colocar a teoria em “reserva de uso”**

Angela apontou ao grupo que uma contribuição decisiva de Horus em sua formação foi a ideia de que existe um dever ético de se diferenciar daquilo que se lê.

Para ele, a teoria não deveria ser recebida como dogma nem repetida como discurso único. Em sua concepção, o encontro com um autor deveria produzir, de preferência, uma “crise de entendimento”. Nessa crise, aquilo que o autor apresenta se encontraria com o repertório, as questões e a experiência do leitor. Assim, desse encontro, deveria surgir alguma produção própria. Neste caso, a pluralidade de leituras seria uma consequência inevitável desse movimento. Foi desse movimento que, segundo Angela, Horus imputou valor ao sujeito da dúvida e da incerteza.

De seus feitos na transmissão, ele buscou formar pensadores, e não seguidores., formando analistas de perfis mais ousados, e de pensamento crítico.

### **Pluralismo e “amor ao inapreensível”**

Sobre a ideia de Pluralismo, Angela recordou uma formulação de Horus relacionada à lógica de um “amor ao inapreensível”. A esta, o pluralismo foi apresentado como uma busca que não se fecha, uma espécie de “turbulência sem fim” em direção a um sentido que continuamente escapa.

Esse “amor ao inapreensível” seria, portanto, aquele que uma vez vivenciado, não teria como retorno à segurança por meio de uma verdade definitiva. No campo das ideias, seria o que manteria o pensamento aberto, impedindo que um sentido se encerrasse.

## **A erudição de Horus: um desafio para o semestre**

Foi mencionada também a grande erudição de Horus, que transitava por diversos campos do conhecimento, como filosofia, arte e história. Essa amplitude torna sua escrita complexa e difícil, mas também implica numa fonte de grande riqueza.

Horus reconhecia essa dificuldade em seu próprio modo de escrever. Angela recordou que ele admirava autores capazes de expor ideias complexas com simplicidade, como Hélio Pellegrino, seu grande amigo, algo que ele próprio considerava difícil realizar.

### **Modos para leitura da obra de Horus**

O grupo discutiu como seria possível abordar uma obra considerada por muitos hermética ou “endurecida”, e Angela assinalou diferentes maneiras de leitura.

Uma delas seria uma leitura rigorosa, contextualizada, procurando compreender as referências, os conceitos e o uso que o autor fazia de cada uma das ideias. Outra possibilidade seria uma leitura aparentemente descompromissada, mas vigorosa, na qual o leitor percorreria o texto de um modo mais fluido, percebendo o ponto de parada em que o texto o afetaria. Em qual frase haveria uma interrupção, qual passagem haveria uma ressonância, uma pergunta, um sentimento ao ler. O produto da leitura, assim, seria o conjunto das afetações inspiradas pelo texto.

Para a coordenadora, essa segunda modalidade não anula a necessidade de um rigor, certamente. Ela impede que o leitor fique paralisado pela exigência de compreender tudo, o que não seria necessário para que alguma coisa do texto produzisse efeito.

Angela compartilhou que, ao reler a obra de Horus por ocasião de seu centenário, encontrou ideias que haviam marcado profundamente sua própria fala e sua maneira de pensar, embora já não se lembrasse de onde as havia retirado. Algumas dessas formulações haviam sido incorporadas, exatamente por meio de leituras aparentemente descompromissadas.

### **A teoria como “reserva de uso”**

Um dos exemplos apresentados foi a expressão “reserva de uso”. Angela explicou que não sabia se Horus empregava exatamente essa expressão no mesmo sentido que ela passou a lhe atribuir. Ainda assim, associava a ideia às concepções teóricas tratadas por ele como devendo ser colocadas em “reserva de uso”.

A teoria deveria permanecer em reserva de uso, e não como algo colocado entre o analista e o analisando. Desse modo, o analista se confronta, a cada vez, com o real da clínica. Caso a teoria ocupasse esse espaço intermediário, ou seja, se a teoria ficasse entre analista e analisando, o analista corria o risco de repetir o já sabido, usando a clínica para aplicar um conhecimento previamente estabelecido.

Na clínica, no encontro com analisando, a recepção do impacto de algo novo é essencial, sem o anteparo da teoria. Posteriormente, alguma coisa

estudada pode vir à tona e ajudar na compreensão da situação. A teoria só entra em cena quando fizer sentido e quando funcionar naquele encontro.

Se uma teoria não é adequada numa certa situação, não é a clínica que deve ser forçada a caber nela. O analista precisa recorrer a outras ideias, estudar mais e construir novos recursos para se aproximar do real da experiência clínica.

A reserva de uso, portanto, não significa ausência de teoria. Trata-se de manter uma reserva teórica ampla, mas utilizá-la apenas quando ela se mostrar pertinente, mantendo a liberdade de abandoná-la ou modificá-la diante das exigências do caso.

Angela aproximou essa posição da liberdade à de Freud, quando ele precisou revisar e reinventar, por ocasiões diferentes, sua própria teoria.

### **Liberdade no uso dos autores – “Com Lacan, eu vou até aqui” (Horus Vital Brazil)**

Angela desejava que os participantes utilizassem a obra de Horus com a mesma liberdade que ele empregava para recorrer a outros autores. A partir dessa premissa, é possível seguir um autor até determinado ponto e não acompanhá-lo como um dogma, se for o caso.

Essa liberdade não significava fazer qualquer coisa com os conceitos, mas permitir que a leitura produzisse efeitos próprios.

Angela comparou essa atitude à liberdade de Lacan no uso de Freud, da filosofia, da física e de outros campos. Horus também se permitia seguir um autor até onde sua investigação exigia.

A diferença apontada por Angela foi que Lacan acabou formando muitos seguidores, enquanto Horus procurava formar pensadores/interlocutores.

### **Conceitos recorrentes na obra de Horus**

Angela explicou que os conceitos de Horus não aparecem necessariamente separados ou sistematizados. Em diferentes artigos, ele retoma e reelabora algumas ideias.

Um exemplo seria a noção de “oposição inclusiva”. Trata-se de uma oposição na qual um termo não exclui o outro, como por exemplo:

- Estrutura e história
- Individual e coletivo

Nesses casos, não se trata de escolher um termo em detrimento do outro. Estrutura e história se implicam, assim como o individual e coletivo. Um não pode ser inteiramente pensado sem o outro.

A repetição dessas ideias em diversos artigos poderia facilitar gradualmente a leitura, e o contato contínuo com a obra permitiria reconhecer tais temas e compreender melhor o vocabulário do autor.

### **Proposta de organização das leituras**

Angela propôs que, ao menos durante o primeiro semestre, o grupo se concentrasse em uma seleção de textos de um livro no qual Horus teria

realizado uma síntese de seu pensamento. Tal livro foi o *Psicanálise 100 anos depois e outros ensaios (1978-2004)*, da editora Booklink.

O livro se organiza em torno de três grandes eixos:

1. Psicanálise como prática teorizada;
2. Psicanálise e ciências sociais;
3. Psicanálise e clínica.

A sugestão inicial foi selecionar ao menos um texto de cada eixo, talvez incluindo dois artigos clínicos, para que o grupo tivesse acesso a diferentes dimensões da produção de Horus.

Em razão de o livro estar esgotado, foi mencionado o projeto, parte das comemorações do centenário, de uma reedição desta obra.

## **Os artigos selecionados**

Ao comentar alguns textos que poderiam ser estudados, Angela mencionou temas como:

- a dúvida;
- a suspeita;
- a ambiguidade;
- a incerteza;
- as ideologias;

- a fidelidade teórica;
- a psicanálise cem anos depois;
- os estilos da psicanálise;
- a psicanálise e a modernidade;
- o novo paradigma;
- a relação entre psicanálise e ciências sociais;
- as questões clínicas.

Com isso, os artigos escolhidos foram:

- *“A Psicanálise e Seus Destinos”*
- *“Ambição e Paixão pelo Poder”*
- *“Sintoma, Significação e Cura”*
- *“O Campo Intersubjetivo, o Objeto Transferencial e o Silêncio”*

Como complemento de leitura, Angela sugeriu ainda a leitura de um artigo próprio, feito à época pela sugestão de Horus: *“Sintoma, Significação e Cura – Uma Aproximação”*, publicado no periódico *Arquivos de Psicanálise*, ano 1, v. 1, 1988.

## 2. O Ditos e Escritos 2026.1 por...

**Angela F. da Silva Moreira**

**Ditos e Escritos 2026.1**

O que considere mais relevante para o meu aprendizado no primeiro semestre foi o texto "O Campo Intersubjetivo, o Objeto Transferencial e o Silêncio"

No texto destaco:

- O conceito de moldura terapêutica: como enquadramento, campo circunscrito que diz respeito à relação transferencial, ao olhar sobre o inconsciente através da centralidade da palavra, da linguagem e as possíveis interpretações do conteúdo exposto pelo analisando
- O lugar do analista como duplo, ou seja, como observador/participante, relação recíproca/mútua

**Beatriz da Luz**

**Um encontro com Ditos e Escritos em Psicanálise 2026.1**

*"Desde que passei a me interessar pelo inconsciente,  
eu mesmo me tornei uma pessoa muito mais interessante"*

Freud para Fliess

Há dois anos, decidi estudar psicanálise, o interesse pela complexidade da experiência humana sempre me instigou desde nova, mesmo sem saber ao certo que isso era psicanálise. Não digo o interesse pelas respostas concretas, mas o olhar poético de como o indivíduo, em sua singularidade, se relaciona com o mundo. Só depois vou entender que é a curiosidade sobre o inconsciente.

É nas artes, principalmente cinema e literatura, que venho me afetando. Achando belo as formas de expressão para contar as diversas vidas possíveis. Entrei para SPID no meio do semestre e ao me encontrar com a Angela Coutinho na 8ª aula, foi um sentimento de admiração. Corri para assistir às aulas gravadas desde o início e, ao entender que estava sendo convidada a fazer parte de um movimento fundamental e histórico, tanto para esta sociedade quanto para psicanálise, me senti privilegiada. Ora! Começar a formação com esta oportunidade de conhecer um dos fundadores da SPID sendo transmitido por uma profissional que teve a trajetória estreita com ele, é abrir caminho para meu desejo em ser psicanalista e me inscrever plenamente nesse campo.

Nos 100 anos de Horus Vital Brazil, o seminário foi dedicado para as obras dele e nossa participação seria ler os textos, contar o que nos afetou. Para mim, o valioso é assistir ao compromisso, a dedicação e responsabilidade de Angela Coutinho para manter *Vital* o Horus. Se cada um de nós escolheu a SPID, é imprescindível escutar seu legado. Estamos diante de uma cultura digital, a vida acontece nas redes sociais, onde os relacionamentos são validados a partir de seguidores e números, causando fanatismos e pensamentos polarizados. Me deparar com as palavras de Horus, nos convocando a pensar, isso é puro ouro. Seus textos parecem conversar com o leitor, mostrando o pluralismo de pensadores. É poético, vivo e vibrante o saber de Horus. Mas com responsabilidade, pois ao transmitir seus pensamentos, nos conta que viveu para psicanálise, estudou e experimentou para poder ter seu criticismo, poder registrar o que o afetou, convocando a nos unir e manter esse legado de pensadores, e não de seguidores, ideologias e dogmas.

Na *moldura* (digital), às sextas-feiras, o processo aconteceu de forma ímpar. As trocas entre “*muitos narcisos*” foram ricas e Angela, se *reservando* para àquele momento com sua *escuta amorosa*, retendo de sua *reserva de uso* e seu

*poder*, permitiu a potência dos diálogos, a interação entre os pares, construindo e explorando conhecimento.

O encontro com a Angela (e com Horus) em *Ditos e Escritos em Psicanálise*, foi vivido como experiência de transmissão, que coloca a responsabilidade de pensar criticamente, de acessar o novo sem se anular, mas aproveitar o que nos toca. Resistindo à lógica diante do novo: ficar com o que já sabe ou ficar totalmente ligado no que se fala. A psicanálise está sendo, não apenas um estudo teórico, mas uma experiência existencial e cultural, como nos ensina Horus Vital Brazil, uma *oposição inclusiva*, integrando e valorizando a pluralidade.

*E depois antes permanecer vital.*

**Cecilia Lugon**

### **Ditos & Escritos em Psicanálise**

O semestre de 2026.1 convocou o grupo ao privilégio e ao desafio de nos debruçarmos sobre alguns textos do legado de Horus Vital Brazil, um dos fundadores da SPID e uma de suas figuras mais proeminentes. Essa empreitada me exigiu uma boa dose de determinação e persistência, sem perder de vista a humildade de uma leitura não-toda, segmentada nos entendimentos circunscritos aos possíveis segundo o meu percurso formativo no campo da psicanálise e outros saberes, já que Horus transita entre muitos autores de diferentes áreas das ciências sociais e humanas, perfazendo uma costura extensiva (e por vezes complexa), dando corpo ao seu estilo de transmissão escrita, tanto plural quanto autoral.

Foi justamente essa pluralidade de referências que se evidenciou para mim no encontro com a epistemologia psicanalítica, segundo as premissas da

incompletude do sujeito e da limitação do simbólico, convidando a uma hermenêutica passível de incessantes reinvenções. Nesse sentido, pareceu-me que nós, psicanalistas, deveríamos ter um interesse genuíno no que toca à pluralidade, em especial a pluralidade interpretativa das escavações infinitas do pensar, porque a exploração das linguagens nos convoca a equivocarnos e a duvidar – algo que estaria na espinha dorsal do método psicanalítico, do nosso trabalho clínico.

Ainda no campo da hermenêutica, Horus nos fala de leituras singulares, mas que nunca seriam a-históricas, pois todos falamos de um lugar; e reforça que haveria sempre um contexto que não deve ser negado, porque se impõe como um inconsciente determinante/produtor. E talvez essa seja uma maneira de traduzir a riqueza do exercício do pensamento coletivo nas variadas vozes presentes nesse seminário, onde a pluralidade foi, ao mesmo tempo, objeto de estudo e método de investigação.

**Claudia Silveira**

### **Ditos e escritos: impressões (Julho /2026)**

Ao longo do seminário em homenagem ao centenário do psicanalista Horus Vital Brasil, em que me deparava com textos bem densos e complicados, e mediante a condução das reflexões pela Angela Coutinho, me lembrei de um professor de filosofia que tive e que, quando alguém perguntava alguma coisa, costumava responder: “ahhhmmm, não sei bem, a gente poderia pensar nisso, o que vocês acham?”.

Nessa época, bem nova, indagava: como assim o professor não sabe?”. Demorei um pouco para entender que ele estava lá para me fazer pensar, como

*“um parteiro das ideias”, tal como em Sócrates, como alguém que me convida a pensar sobre as questões propostas.*

Digo isso porque o Horus me fez pensar muito no papel do analista como esse parteiro das ideias, alguém que pode conduzir a reflexão, ajudar a desvelar o caminho do pensamento. E digo isso também porque a Angela traduziu paciente e amorosamente a escrita do Horus sobre esse desvelar infinito e enriquecedor conduzindo o grupo como uma parteira das nossas reflexões.

Alguns aspectos desse lugar do analista foram pensados: o dentro e o fora; a contemplação e a ação; o observador e aquele que participa. Aquele que não sai de cena, mas que consegue se colocar como espectador dos acontecimentos, que percebe a cena como um todo e pode, nesse “distanciamento”, desvelar algum sentido, suscitar um mergulho mais profundo.

Essa contribuição, me parece bem distante de algum tipo de conhecimento ou aplicação de teorias e técnicas, sendo em última instância, a possibilidade de convidar o analisando a pensar, pensar o pensamento, pensar a fala que se desvela, tal como Sócrates sendo o parteiro das ideias.

A teoria vista desse ponto de vista, como “reserva de uso”, nunca colocada entre analista e analisando, redimensiona o que se instaura como *setting psicanalítico*, tornando a experiência da psicanálise, na “moldura” espaço-temporal, uma prática do pensar. Esse pensar inapreensível e imprevisível, não determinado por conhecimentos dogmáticos, com toda a sua dimensão poética, é capaz de transformar dois narcisos: analisando e analista. Lembrando Arendt, a psicanálise surge enquanto pensamento e interpretações sem corrimãos, e tal como o vento, tira tudo do lugar!

**Ednéa Marques**

**Seminário Ditos e Escritos em psicanálise 2026.1**

Neste semestre do seminário trabalhamos alguns textos do livro *Psicanálise Cem Anos Depois*, de Horus Vital Brazil.

O texto “O Campo Intersubjetivo, o Objeto Transferencial e o Silêncio” provocou uma discussão muito valiosa sobre a questão do conceito de neutralidade do analista.

A seguir trarei algumas dessas reflexões e dois recortes clínicos que me ajudaram a articular teoria e clínica, tão importantes para o nosso trabalho.

Horus propõe pensarmos o lugar do analista como função encarnada, com ID, Ego e Superego, sendo, portanto, impossível considerarmos a neutralidade como algo a ser alcançado.

Outro conceito trabalhado por Horus é o do analista como observador participante, afirmando que não há como não afetar e ser afetado no processo. O desafio passa a ser, então, não só considerar a afetação, mas poder se dar conta dela, e saber o que fazer com isso.

Na minha experiência clínica, percebo que em alguns momentos de maior afetação, o risco é parar de ouvir. O analista participa tão massivamente do processo que impede a alternância com a observação. Outro risco é o analista, a partir do seu incômodo, abandonar a atenção flutuante e focar a atenção em si, se retirando do processo.

Dois recortes clínicos:

Recebi uma analisanda com uma queixa inicial de ansiedade. Ao contar sua história, apresenta um fato bem marcante e traumático acontecido há 15 anos atrás. No início fiquei bem impactada com a história, mas principalmente com

o afastamento emocional que ela apresentava ao narrar com detalhes o evento traumático.

Nas sessões seguintes me percebi muito incomodada pela forma desconectada, sem emoção, que ela narrava os acontecimentos.

O incômodo se manteve presente nas primeiras sessões e passei a me questionar sobre essa afetação, duvidando da minha primeira hipótese.

Isso me faz lembrar o quanto é importante que todo diagnóstico seja tratado como hipótese, sempre aberto, nunca como uma certeza.

Um dia, quando ela saía da sessão, no corredor do consultório, tive a resposta: ela era muito parecida com uma prima que na infância me causou sofrimento. Imediatamente todo o incômodo foi suspenso, e pensei: ela parece, mas não é minha prima.

Ressalto aqui a importância da análise do analista, essa experiência infantil já havia retornado e sido ressignificada na minha análise, permitindo que eu pudesse percebê-la como causa dessa afetação.

Outro recorte clínico, dessa vez num atendimento on-line.

Recebi uma paciente jovem apresentando muitas questões desde a primeira sessão. Ela circulava entre as insatisfações com os familiares, casamento, educação do filho, trabalho, corpo, de uma forma muito intensa e enérgica.

No segundo mês de atendimento, já conhecendo parte de suas questões, ela chega muito agitada, gesticulando bastante e sua fala era interrompida pela fala seguinte, não concluindo as frases.

Fui me percebendo muito próxima da tela, e, portanto, mais participante do que observadora, e aos poucos uma agitação tomou conta de mim, não estava mais

ouvindo, estava totalmente perdida no processo. Até que me dei conta que estava grudada na tela do computador com o corpo tenso.

A partir desse momento fui me afastando da tela e voltando à posição recostada na cadeira. Esse afastamento permitiu que eu fosse me organizando e retomando o lugar de observador do processo.

Neste momento, algo aconteceu no campo transferencial. Não sei dizer se foi algo que falei, ou perguntei ou apenas a mudança postural, que fez com que a analisanda se acalmasse também, reproduzindo uma postura mais relaxada e calma. Percebi um suspiro de alívio por parte dela e a sessão pode seguir.

Essa experiência me fez pensar na presença no atendimento on-line. Algumas pessoas ainda duvidam dessa possibilidade.

As experiências acima foram importantes para que eu pudesse refletir sobre o conceito de afetação mútua e neutralidade, na prática clínica.

Agradeço a parceria e alegria do grupo nos encontros.

**Fabiola Motta**

### **Ditos e Escritos 2026.1 – 100 anos de Horus Vital Brazil**

Quando comecei a pensar nesta escrita, a primeira coisa que me veio à mente foi: "não andei sozinha nesse semestre, ufa!".

Em boa parte dos encontros do Ditos de 2026.1, um ou outro colega sem saber, me aliviava uma pequena angústia: a de se deparar com a densidade das leituras de nosso homenageado do ano, Horus Vital Brazil.

Sempre que alguém trazia a mesma constatação que a minha, eu ficava um pouco mais tranquila. E isso fez toda a diferença, pois sentia que podia continuar.

E se Bethânia cantou, em *Carta de Amor*, que não andava só, que a Rainha do Mar seguia de mãos dadas com ela, cantando e lhe ensinando o baile das ondas, eu posso dizer que tive Angela Coutinho ao meu lado, cantando Horus e me ajudando a atravessar o mar, por vezes neblinado, de seus textos. Foi uma companhia que, sem dúvidas, transformou a travessia.

Ao longo do semestre, percorremos quatro produções do nosso "autor-tema". E não vou me fazer de "rogada" (como diziam alguns familiares mais antigos com quem convivi) em admitir que o único texto que consegui ler seguindo a proposta de uma "dissecação textual" (que, para mim, revelou-se mais do que necessária diante da escrita de Horus) foi *A Psicanálise e Seus Destinos*.

Talvez por ter sido ele o texto mais curto, esse foi aquele cuja leitura me pareceu mais fluida. Mas também talvez, por tratar-se ele justamente da dinâmica "ditos e escritos", eu tenha procurado, então, através dele, respeitar o meu próprio tempo de aproximação com a escrita de Horus, aprendendo, aos poucos, a respirar entre suas muitas vírgulas e tentando me familiarizar com o ritmo singular de suas argumentações.

Percorrendo pela compreensão cheia de dúvidas deste pequeno grande ensaio, datado de mais de 30 anos, percebi uma conformidade de minha própria dificuldade com as leituras, com a ideia logo de imediato levantada por Horus: o da contingência na Psicanálise.

Nessa lógica de que certos acontecimentos da vida, encontros ou experiências não são determinados de forma absoluta, já em suas primeiras linhas, ao tentar falar sobre um possível futuro para a Psicanálise, ele prontamente usou a palavra "desistência". Mas essa tal desistência, não se colocando no lugar de um fim de linha "nirvano-freudiano", que buscava levar

todo nível de tensão ao zero, mas sim no sentido de uma linha de destino que precisaria seguir ganhando trilhos e que conversaria mais com a falta que marca o desejo lacaniano, ou mesmo, “a turbulência de uma busca sem fim”, como proferido pelo próprio Horus em determinado trecho de seu trabalho.

Seguindo em meu entendimento sobre suas considerações, percebi que aquilo que pode contribuir para essa via de construção contínua é, paradoxalmente, a desconstrução, por meio da formulação do pensamento crítico, e para haver pensamento crítico, é preciso, de forma preciosa, o encontro com a alteridade.

*“A discussão e o embate de opiniões revelam, na argumentação, a diversidade e os maiores valores ou, pelo menos, os valores dominantes que formam o contexto.”*

*(Horus Vital Brazil, 1991, p. 32)*

Primordialmente, seria dessa intersubjetividade a possibilidade da emergência de um Eu que poderia incorporar um Não-Eu, mas que faria surgir desse encontro não um Eu absoluto, repleto do saber, e sim um sujeito da dúvida, um Eu de opinião.

Deslizando essa intersubjetividade para o campo das produções, coadunei tal ideia com a intertextualidade e o pensamento, retomado de Julia Kristeva por Horus, de que os textos são descobertas “translinguísticas”, sempre constituídos pelo diálogo com outros textos e outras vozes.

Ao reler esse percurso, fiquei com a impressão de que essa intersubjetividade não permaneceu apenas como um conceito apresentado por Horus em seu artigo. Ela atravessou, até como de costume do seminário, a experiência vivida no próprio Ditos e Escritos. Com o espaço de estudo

tornando-se aquele em que diferentes vozes, referências, dúvidas e compreensões puderam se encontrar, produzindo algo que dificilmente teria sido alcançado em uma leitura solitária apenas.

Encerro este ciclo, claro, sem a sensação de ter decifrado Horus Vital Brazil. Mas encerro, antes, com a convicção de que sua obra continua produzindo movimento, precisamente porque resiste às respostas definitivas.

Se, no início desta escrita, eu dizia que não havia caminhado sozinha, termino reconhecendo que foi justamente essa travessia compartilhada que tornou possível continuar lendo, pensando e, por fim, até mesmo podendo expressar esta pequena reflexão. Um desistir de desistir, como bem comungado por Horus.

### **Halina Grynberg**

O seminário Ditos e Escritos coordenado por Angela Coutinho é vivência de uma psicanálise em extensão. Experiência clínica, no entanto. Pensar os escritos de autores como atos dentro de um setting teórico de interpretação coletiva e contínua resignificação. Neste semestre, nos dedicamos a alguns extratos de Psicanálise, Cem anos depois por Horus Vital Brasil.

### **Jansen Sarmento**

Para mim foi uma grande e grata surpresa me deparar com a obra de Horus Vital Brazil, um dos fundadores da SPID e um dos grandes nomes da psicanálise no nosso país.

Sua obra, que dentro do meu entendimento, foi marcada pela defesa do pluralismo e pela recusa de transformar a psicanálise num sistema dogmático

ou burocrático, me tocou e impulsionou ainda mais o pensamento de que é possível irmos além do que os grandes mestres nos deixaram...

Sou grato à Angela Coutinho e à SPID pelo privilégio de estudar e conhecer um pouco da obra daquele que é, mesmo sem os amplos e devidos créditos, um dos grandes pilares da Psicanálise no Brasil, Horus Vital Brazil.

Sigamos, portanto, com os estudos e pesquisas, para ampliar o nosso manejo técnico e contribuir para a ampliação da clínica psicanalítica.

### **Katia Cristina Vital Brazil**

Os estudos em grupo, de textos escritos por Horus Vital Brazil, especificamente o texto “Sintoma, significação e cura”, contribuíram para ampliar o meu conhecimento sobre a psicanálise, especialmente ao apresentar a importância da pluralidade de saberes, da incompletude do sujeito e da abertura para diferentes possibilidades de interpretação. Suas reflexões e as dos colegas do grupo, me ajudaram a compreender que o conhecimento psicanalítico está sempre em construção e que a escuta clínica exige humildade, flexibilidade e disponibilidade para acolher o singular, a dúvida e o não saber.

Dessa forma, o estudo fortaleceu a minha compreensão sobre uma prática psicanalítica mais aberta, crítica e sensível à subjetividade de cada sujeito.

### **3. Perspectivas para 2026.2 – Celebrando Horus Vital Brazil**

Horus Vital Brazil (1926–2015) foi um médico, psiquiatra e psicanalista que, ao longo de décadas de intensa atividade clínica, institucional e intelectual, dedicou-se à formação de analistas e ao desenvolvimento de um pensamento original, marcado pelo diálogo permanente entre a teoria psicanalítica e a experiência clínica.

Foi um dos fundadores da Sociedade de Psicanálise Iracy Doyle (SPID) e exerceu papel decisivo na estruturação de sua proposta formativa atual. Nesta sociedade, foi também editor-chefe da revista Tempo Psicanalítico desde sua criação, em 1978, contribuindo de forma contínua para a difusão da produção psicanalítica brasileira.

Cem anos após seu nascimento, seu legado permanece vivo na clínica, na formação de psicanalistas e na produção teórica que continua inspirando novas gerações. Por isso, celebrar seu centenário é, antes de tudo, revisitar uma história que permanece viva na formação e na prática de muitos psicanalistas.

Ademais da continuidade do seminário Ditos e Escritos dedicado ao estudo de seus conceitos, a Spid decidiu, em reunião do conselho gestor de 25 de março de 2026, que, em novembro de 2026, uma jornada comemorativa reunirá membros e colegas externos em um hotel em Copacabana para enaltecer sua obra e seu legado.

Um grande desejo de Angela Coutinho para este evento é de que parte dos trabalhos que venham a ser apresentados nesse almejado encontro sejam produções advindas do que pôde ser apreendido através do Ditos e Escritos 2026.

A coordenadora também reforçou a ideia de que as mediações das mesas da jornada sejam feitas por membros que tenham transcorrido pela leitura da escrita de Horus, para que haja uma tecitura dos trabalhos do painel e o pensamento do autor homenageado.

Fechando as comemorações, haverá então um coquetel, que marcará o lançamento do documentário idealizado pela filha de Horus, Liana Vital Brazil.

Com tais gestos, pretende-se ampliar a memória de Horus para além de seus textos, preservando também sua dimensão humana e o impacto de sua presença na história da psicanálise brasileira.

**Anexo**

**DRIVE COM TEXTOS TRABALHADOS NO SEMINÁRIO DITOS E ESCRITOS –  
MARÇO DE 2026**

Horário: sexta às 16:15

Coordenação: Angela Coutinho

[https://drive.google.com/drive/folders/1IG\\_TlplbJ7VrhBb7GUPJUVV6gv-UjjyS?usp=sharing](https://drive.google.com/drive/folders/1IG_TlplbJ7VrhBb7GUPJUVV6gv-UjjyS?usp=sharing)